



INGRID PARENT – Entrevista realizada durante o XXV CBBB em Florianópolis, julho de 2013, quando era Presidente da IFLA

RBBB - Qual é o atual panorama, do ponto de vista da IFLA, da biblioteconomia no mundo?

Ingrid: Sou muito otimista com relação à biblioteconomia. Vejo que os bibliotecários do mundo todo estão sendo muito criativos, inovadores, e estão mudando o serviço que prestam baseados nas necessidades mutáveis dos seus usuários. Existem alguns desafios como restrições orçamentárias, como capacitação dos bibliotecários, mas estamos lidando com estas questões, trabalhando em conjunto e dessa maneira encontramos soluções para os problemas.

RBBB - Como a digitalização da informação pode nos afetar positivamente e negativamente?

Ingrid: A digitalização é uma maneira de tornar as informações mais acessíveis. O lado negativo é que é muito caro e o setor privado, como o Google, irá digitalizar as informações e passará a controlá-la, enquanto que se uma biblioteca digitalizar as suas obras, será para o bem público e nós disponibilizaremos essas informações gratuitamente para todo mundo.

RBBB - Existe um modelo a ser seguido para nos adaptarmos a essas mudanças?

Ingrid: Há muitos projetos no mundo que se referem à digitalização. Em alguns países como Japão, Holanda e França, os governos reconhecem a importância da digitalização e oferecem verbas extras às bibliotecas para que possam digitalizar os seus materiais nos seus respectivos países. Em outros países a iniciativa é reunir bibliotecas e elas acabam tendo um fundo, um pouco de seus recursos, das suas fontes, para que possam digitalizar de forma ordenada todos os seus conteúdos.

RBBB - A senhora conhece, tem notícias da atuação do governo brasileiro na área da biblioteconomia?

Ingrid: Ai, ai, ai, desculpe, mas não tenho conhecimento. Mas deveria saber alguma coisa. Prometo que vou dar uma olhada mais de perto.

RBBB - O que seria interessante implantar aqui na América Latina?

Ingrid: Bem, penso que há uma longa história aqui no Brasil, uma grande cultura, e que todas essas informações precisam ser disponibilizadas no mundo, não somente na América Latina. Então a digitalização é uma maneira de se fazer isso. Estimularia a biblioteconomia e seria importante que os países latino-americanos e suas bibliotecas pensassem em maneiras de se fazer isso, de tornar as informações disponíveis. Aqui gostaria de acrescentar uma ressalva: acho que o Brasil está incluso em um projeto com a chamada biblioteca digital ou algo do tipo, liderado pela biblioteca do Congresso dos Estados Unidos e Washington DC. É um programa da UNESCO que congrega 15 países que fornecem informações digitais para criar um acervo disponível em um único portal, com a possibilidade de que todos possam utilizar essas informações. Certamente o Brasil é membro desta iniciativa.

RBBB - E sobre as manifestações no Brasil. A senhora acha que é um pedido de acesso ilimitado à informação?

Ingrid: Eu li sobre as manifestações, achei que era mais uma reação ou uma resposta aos serviços públicos de má qualidade e às verbas do governo sendo direcionadas para os grandes eventos esportivos como o Campeonato Mundial de Futebol, talvez as bibliotecas não estejam incluídas no centro desses serviços públicos e dessas reclamações. Mas penso que é muito bom que as pessoas manifestem suas reivindicações aos governos para mostrar que realmente acreditam na possibilidade desse acesso às informações. Nós defendemos a liberdade de expressão, por que nós achamos que todo mundo tem o direito de expressá-la.

RBBB - A sua palestra finalizou com o incentivo ao processo amplo de atuação. O que a senhora quis dizer quando citou as esferas global, nacional e local?

Ingrid: Sim. Eu quis orientar que as bibliotecas não estejam fechadas às suas comunidades ou aos seus bairros. Elas têm que estar cientes das atividades que as envolvem no plano internacional. Elas devem agir através de seus governos nacionais para exercer uma pressão em defesa dos interesses da biblioteca, junto, portanto, com seus governantes. E seja lá o que for decidido na esfera nacional ou internacional, a biblioteca deve se ambientar no seu próprio espaço, na sua própria biblioteca. Então, por exemplo, a questão dos direitos autorais: está tomando corpo internacionalmente através de acordos e tratados, aí os governos nacionais apresentam as suas opiniões ao cidadão, e os cidadãos podem também defender o acesso gratuito às informações na sua localidade de atuação. Se tivermos sorte, o resultado será positivo para as bibliotecas então implementarem o empréstimo e a preservação de todos esse material e de tudo o que conquistou até aqui com a garantia de que não estaremos violando nenhuma lei.



Entrevista realizada em 08/07/2013